

PARA A LÍNGUA FALADA EM CABINDA

Linguistas aprovam a designação “Ibinda”

Estudiosos e investigadores linguísticos de Angola e do Reino da Bélgica concluíram, em Cabinda, que “Ibinda” é a designação acertada, em detrimento de “Fiote”, para a língua falada na província mais a Norte do país, por reflectir melhor a realidade sociolinguística e cultural do povo de Cabinda. A conclusão foi defendida na Iª Conferência Internacional sobre a língua falada em Cabinda, seu ensino e investigação, promovida a 25 de Outubro pela Associação de Comunicólogos Angolanos, em parceria com a Universidade 11 de Novembro, e que decorreu no anfiteatro do Instituto Superior Politécnico de Cabinda

EDIÇÕES NOVEMBRO



Joaquim Suami | Cabinda

Os participantes concluíram, igualmente, que existem condições humanas, técnicas e científicas para assegurar a implementação da língua Ibinda no sistema do ensino geral, a partir do próximo ano lectivo, na província de Cabinda.

Os conferencistas concluíram, também, que as autoridades competentes devem criar um instituto de língua Ibinda que se ocupe de pôr em prática e de orientar o seu estudo, bem como do seu desenvolvimento em toda a região de Cabinda.

Os linguistas concluíram ainda que o estudo do Ibinda não se deve cingir apenas aos aspectos técnicos e gramaticais, mas, sobretudo,

nas acções socioculturais.

O conclave concluiu que, quer a designação Fiote, como a de Ibinda, estão bem documentadas pela literatura linguística, e por unanimidade, os participantes concordaram que a expressão Ibinda é a que reúne as propriedades para representar Cabinda, quer do ponto de vista sociolinguístico como cultural. Concluíram igualmente que o Ibinda possui sete variedades de fala que incidem nos aspectos fonéticos.

Os participantes à conferência internacional recomendaram à Rádio Nacional de Angola, Rádio Comercial de Cabinda, Televisão Pública de Angola e à Rádio Ecclésia a terem programas, em horas nobres,

para o ensino da língua Ibinda, como acontece noutros países africanos. Recomendaram, também, aos locutores de rádio e televisão a terem um conhecimento aprofundado da língua falada em Cabinda, para se evitar o seu aportuguesamento.

Os investigadores linguísticos recomendaram às famílias a ensinarem o Ibinda aos seus filhos, porque é no lar onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, e também, pelo facto da língua não ser apenas um instrumento de comunicação, mas possuir valores patrimoniais.

Durante a conferência, foram debatidos os temas “Introdução das línguas locais no subsistema do ensino na província de Cabinda”, “Um olhar ao mapa das variantes

faladas em Cabinda”, “Que designação atribuir a língua falada pelos cabindas”, “Breve estudo sobre o prefixo nasal silábico nas variantes linguísticas de Cabinda”, “Um olhar à construção da gramática em Ibinda”, “Relação entre língua oficial e línguas locais na escola” e “Alienação dos cabindas às línguas faladas localmente”.

Especialistas aprovam “Ibinda”

O professor de estudos literários e linguísticos Ezequiel Bumba disse que a realização da Iª edição internacional sobre a língua falada em Cabinda, seu ensino e investigação vai despertar atenção das autoridades competentes para pensarem seriamente na implementação das línguas nacionais no sistema de ensino geral. O professor universitário defende que é preciso que se ensine línguas num modelo de ensino bilingue. “Se não adoptarmos o sistema de ensino bilingue, em que temos o ensino das línguas nacionais juntamente com o ensino da língua portuguesa, vai ser muito difícil conseguir o que se pretende para o ensino que se quer”, disse.

Para o linguista, as crianças das zonas mais recônditas dominam melhor a língua local, que é o Ibinda, em relação ao português, por isso, segundo ele, ao lhes ser ensinada a língua portuguesa têm maiores probabilidades de terem dificuldades de compreensão. Já com a presença do Ibinda no ensino terão mais facilidades de

superarem as dificuldades em português.

Outro linguista e igualmente professor universitário, Domingos Ndele, referiu que com a realização do evento vai se reduzir alguns ruídos que ainda pairavam quanto a denominação da língua falada em Cabinda. Frisou que todos os participantes ao encontro concordaram que a expressão Ibinda reúne propriedades para representar condignamente Cabinda, quer do ponto de vista sociolinguístico como cultural.

“A discussão sobre a denominação Ibinda como a língua falada em Cabinda surge numa altura em que o Ministério da Educação vai introduzir, a partir do próximo ano lectivo, as línguas nacionais de origem africana

no sistema de ensino oficial, o que é salutar, porque vai na linha daquilo que é a recomendação das Nações Unidas sobre a democratização do ensino, de modo a permitir que as crianças recebam formação escolar na língua materna”, disse.

De acordo com o padre Silvino Bazunga, da Diocese de Cabinda, a língua é um património da humanidade e a população vai beneficiar com a introdução do Ibinda no sistema de ensino geral.

“Estamos acertados que o Ibinda é o nome da língua falada em Cabinda e acredito que vamos avançar e não vamos recuar na decisão, por isso, vamos para frente com o termo Ibinda.

A Diocese de Cabinda e a Igreja Católica têm estado a dar o seu contributo para que a língua falada nesta região do território nacional seja designada Ibinda”, disse, acrescentando que a Igreja Católica vai continuar a trabalhar para que os mais novos possam aprender o Ibinda.

“Estamos acertados que o Ibinda é o nome da língua falada em Cabinda e acredito que vamos avançar e não vamos recuar na decisão, por isso, vamos em frente com o termo Ibinda”

“Devemos trabalhar para que as línguas locais não se percam, mas, infelizmente, os jovens e as crianças não falam o Ibinda, o que, no meu entender, não é por culpa dos mesmos, mas se calhar por culpa dos pais que não se preocupam em ensinar os filhos”, disse.

A belga Heide Goes, formada em língua e culturas africanas, que está a pesquisar o grupo de 40 a 50 variantes da língua Kikongo, falada do Sul do Gabão ao Norte de Angola, disse que a conferência foi um sucesso porque serviu para ouvir várias contribuições para melhor investigação das variantes faladas em Cabinda. Para a investigadora, o evento serviu também para ouvir as reacções das pessoas quanto ao nome a atribuir à língua falada em Cabinda.

“A minha pesquisa está mais virada para a RDC, por lá existir muita literatura em Kikongo. Em 2015 estive em Cabinda, Uíge e Luanda, mas optei por ficar em Cabinda por causa da situação sociolinguística e das diferentes variações da língua Ibinda. Aqui as variantes não têm muita diferença. Por exemplo, o Iwoio, Ikochi e p Kwacongo não têm muita diferença, e se existe é pouca a diferença”, disse, referindo que o Ibinda é o nome acertado para representar a língua local do povo Cabinda.

Ponto de vista dos comunicólogos

O presidente da Associação dos Comunicólogos Angolanos, André Sibi, disse que a conferência sobre a língua falada em Cabinda serviu para preparação das condições humanas, técnicas e científicas para a introdução do Ibinda no sistema de ensino geral a partir do próximo ano lectivo.

“Esta conferência é de grande importância porque o Estado já exarou um diploma que indica que a partir

do próximo ano haverá a inclusão das línguas nacionais no subsistema de ensino, e esta conferência serviu de antecâmara para que as instituições ligadas ao sector da Educação tenham uma ideia concreta daquilo que se pode desenvolver, quanto à introdução da língua Ibinda no sistema de ensino”, disse.

Cabinda, segundo ele, é uma das poucas províncias do país que antes

da realização do evento ainda não tinha definido a designação a atribuir à língua a ser ensinada nas escolas do ensino geral. Agora que está definida, adiantou, o Ibinda passa a ser a denominação oficial da língua local.

De referir que, desde a criação da Associação dos Comunicólogos Angolanos, no ano passado, que integra pessoas formadas em Comunicação, Jornalismo, Relações Públicas e Mar-

keting, foi assinado um convénio com o Fundo das Nações Unidas para a população na abordagem, em conjunto, das questões da população e desenvolvimento. No dia 12 de Agosto deste ano, a associação assinou um convénio com a UNESCO, para trabalhar em matérias ligadas à literacia da media, com vista a ajudar a população a compreender o que se veicula nos meios de comunicação social.

EDIÇÕES NOVEMBRO



EDIÇÕES NOVEMBRO

